



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

DOMINGO

15

Março - 1964

N.º 1668

Ano XXVII Série VIII

(AVENÇADO)

Visado pela C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 92 01 13 (p. c.) e 92 01 87 (Residência do Editor)

Directores, Editores e Proprietários:
BENJAMIM DA COSTA DIAS



A NOVA ERA

E' Preciso Auxiliar a Santa Casa da Misericórdia de Espinho que luta com grandes dificuldades

Da S. C. da Misericórdia, recebemos o seguinte exórdio:

Debruçados para o Mundo que nos cerca, com todas as suas grandezas e todas as misérias que lhes andam ligadas, sentimos calafrios dos mais agudos, por vermos como os homens estão a desfazer-lo com todo o ó-vontade que lhes permite a maldade mais inconfessada.

Luta-se pela paz geral, dizem os pregoeiros num berro, e outros a seguir, e de cada vez que os ouvimos, acendem-se as mais incoerentes disputas entre os povos, perfeitamente manobradas pelos obreiros da balbúrdia.

A coexistência pacífica internacional, panacea já desvalorizada pelo uso corrente falho de verdade, vai ecoando em frases mais ou menos buriladas como mercadoria avariada, e que só o reclamo procura dar-lhe saída, pela certeza de ante-mão garantida de que, enquanto houver incautos, o «negócio» é certo em grande escala.

Fervem e refervem as ambições e as invejas, acumulam-se as intrigas mais desconexas, preparadas pelas mentiras mais soezes, e no fim, há a satisfação diabólica pelo êxito. Guerra não pode haver, dizem a plenos pulmões, porque o Mundo acabaria rebolando-se no caos, sem proveito para a Humanidade.

Mas criam-se «clientes» onde o dinheiro não conta, distribui-se-lhes ar-

mamento do mais aperfeiçoado, embora nos recantos paradisíacos de Genebra proclamem, às vezes, um desarmamento geral, cujo tema faria a delícia dos abalizados caricaturistas e dos sarcásticos cultivadores de ironias sangrentas, se no nosso tempo existissem paralelos com um passado, quase esquecido.

E a penetração em todos os campos vai fazendo ruir caracteres, acobardando os mais audazes, poluindo o que estava são, porque o dinheiro é bonito e as vidas não estão habituadas ao trabalho honesto que noutros tempos era a honra dos homens; quando o terreno está preparado a pretexto entre a gente amolecida pela propaganda, forjam-se «libertações» à mão armada, e quanto mais sangrentas melhor, como convém aos novos «libertadores», cada qual bem atento às manobras dos seus contrários, como sucede aos cães que disputam o mesmo osso.

No fim, os obreiros trabalham para os patrões que melhor pagam, e melhor proveito oferecerem para o futuro, quando as «coisas» triunfarem.

O triunvirato segue na esteira das suas esferas de acção, cada qual mais aguerrido, umas vezes arrastando os dentes uns aos outros, se as condescendências não satisfazem nos lucros obtidos, outras vezes

mostrando os mais doces sorrisos quando a prudência os manda recuar, esperando melhor oportunidade para voltarem à recarga.

O existencialismo vai ajudando a desfazer a carga destes Continentes, dando as mãos à corrupção, imitando a salalé que outrora poucos conheciam, mas cujos processos são convenientes às gerações de bandidos «honrados».

Estes, antigamente, eram escorraçados do meio da sociedade, mas hoje são recebidos com honras e corôas, como esse famigerado Holden Roberto, na cidade de Nova Iorque, elevado ao grau de herói africano!

E a estátua da Liberdade não ruiu, nem tapou a cara com tanta vergonha espalhada, porque já se habituou à desvergonha, e o facho que ostenta na mão é para simbolizar os incêndios ateados pela era moderna, à caça de violações e de la-trocínios, de que tanto se jacta nestes tempos.

Portugal ainda sofre na sua carne, e continuará a sofrer os efeitos de uma política de que os «novos ventos» são os propagadores, com um fim de destruir a genuína paz onde ela ainda possa existir, e assassinar a liberdade de cada um seguir o caminho da vida com dignidade activa.

Até quando, ó Catilinas, abusareis da paciência dos povos?

Rui de Faria

No ano corrente, e em data a fixar, iremos, mais uma vez, percorrer o concelho em prol do cumprimento das Obras de Misericórdia e das virtudes que os homens mais deviam amar — a da Caridade e a da Justiça.

Os homens que se encontram à frente dos destinos da Misericórdia, que a têm administrado com o maior zelo e o carinho que merece, vêm uma vez mais iniciar uma campanha de esclarecimentos, questão prévia para a jornada que acima referimos, e que resumidamente se denomina «CORTEJO DE OFERENDAS».

Sabemos, desde já, quando lançamos os pés ao caminho, os ralhos, as queixas, enfim um sem número de razões que se nos vão apresentar, repetição de muitas outras já ouvidas. Mas nós seguimos o caminho, apesar de tudo, porque, tal como se lê a folhas 161 do livro «O Pai Américo Era Assim» da autoria do Rev.º Padre Elias, «nós gostamos de ouvir ralhar. O mundo ralha de tudo e ralha sempre. Pena é que os tais levem a sua modestia a pontos de esconder as obras que realizam p'ra gente também ter ocasião de ralhar».

Seguindo o caminho e aceltando sempre a crítica construtiva, vamos mostrar muito resumidamente a actividade da Santa Casa, espelho do trabalho de todos os que desejam ver a Misericórdia conduzir-se em lugar destacado no campo da assistência social em todos aqueles a que for chamada a prestar colaboração. Mal parecia não nos referirmos, neste p'rtico a dois grande beneficiários da Santa Casa, ambos falecidos. A primeira, D. Lucinda Andrade Ferreira Pinto Basto, falecida em 12 de Dezembro do ano findo. Trabalhadora incansável para a construção do nosso Hospital, pertenceu ao grupo das beneméritas Madrinhas que ainda há dias bem mostraram quanto pode o seu esforço e a sua generosa dedicação, legou em testamento um prédio de bastante valor. O segundo, Luís Ferreira da Costa, falecido no Rio de Janeiro — Estado de Guanabara — no

dia 7 de Fevereiro último, ofereceu, há anos, a quantia de 50 000\$00 para auxílio da construção dum capela na cerca do Hospital. Mais adiante se citarão outros benfeitores da Santa Casa, porque todos eles, desprendidos das vaidades humanas, deram para aliviar dores, mitigar sofrimentos físicos e ministrar assistência espiritual.

Feitas estas considerações, parece-nos ainda de muita utilidade transcrever mais umas linhas maravilhosas do já citado livro — O Pai Américo Era Assim — Diz o Pai Américo a pag. 5:

«O Pobre é coisa tão santa e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo dele.»

Com efeito, assim é. Nós somos pobres; a Misericórdia vive cheia de dificuldades (deve da construção e equipamento mais de 1 000 contos) mas teimosamente conserva as portas abertas para receber aqueles que são como ela, que carecem do seu amparo, do seu carinho. Portanto, a Misericórdia vai pedir, vai estender a mão à caridade dentro da justiça.

Vamos terminar este nosso primeiro brado com uma palavra dirigida ao cérebro e ao coração.

Precisamos de mais Irmãos, de muitos Irmãos, não só para fazerem parte das Mesas Administrativas, mas também para se eleger a cotização que é bem pequena. Confrades! atental nas palavras do Rev.º Pai Américo que acima transcrevemos, e seremos todos Misericórdia porque todos seremos servos do Pobre e santa será, pois, a nossa missão.

Dando por findas, hoje, as considerações sobre o motivo da campanha que pretendemos iniciar, com o auxílio de Defesa de Espinho e do seu dig.º Director, despedimo-nos de todos até ao próximo número, no qual se versarão as diligências simples a realizar para a admissão de doentes no Hospital desta Misericórdia, e se possível, na Consulta Externa.

Campanha de Solidariedade a favor dos sinistrados da Ilha de S. Jorge

Apelo aos comerciantes do Concelho de Espinho

Publicou este jornal no seu n.º transacto o apelo da Direcção do Grémio do Comércio local a favor dos comerciantes da Ilha de S. Jorge que ficaram sem casa e sem recursos, em situação de veras crítica ou na miséria.

Na Secretaria do mesmo Grémio acha-se patente à disposição de quem queira subscrever para tão humanitário fim, a lista dos subscretores.

Os comerciantes do nosso concelho, mormente os da rede concelhia e a população em geral, que, com raras excepções, sempre se têm mostrado compreensivos e generosos perante as desgraças alheias, não podem ficar indiferentes perante a calamidade que tão rudemente atingiu um grande número de habitantes da referida ilha, tão portugueses como nós, metropolitanos.

Sabemos que muitos comerciantes locais estão na disposição de subscrever e só o não fizeram ainda por falta de oportunidade para se deslocarem à Secretaria do seu Grémio. Estamos autorizados a informar que os que, desejarem contribuir, basta comunicarem pelo

Notícias do Ultramar

Riquezas de Angola que ninguém explora

LUANDA, 8 — Sob o título «Riquezas de Angola que ninguém explora», o importante diário «A Província de Angola» insere o seguinte reparo: — Os Estados Unidos são um mercado considerável de mariscos e moluscos, e o seu consumo é tal que os importa de mercados fornecedores distantes, tais como a Austrália e Nova Zelândia, e a preços que compensam largamente o dispendioso transporte por avião.

Na nossa obsessão de transformar-mos em farinha de peixe (um subproduto ao qual deviam destinar-se os restos das residências de peixes aproveitados para fins alimentares) todo o pescado que existe nas nossas águas — esquecemos lamentavelmente o aproveitamento desses mesmos recursos.

Ao longo da nossa extensíssima costa marítima há milhares de toneladas de moluscos que são apreciadísimos lá fora — desde as ostras aos mexilhões, amêijoas, lapas etc., além dos crustáceos entre os quais os caranguejos e santolas têm lugar destacado.

Quando será que alguém, um dia, se resolverá a deitar as vistas para estas «pequenas coisas» com que outros, nas estranhas, realizam dinheiro. (LUSITANIA)

Novo bairro para bolsas pobres

Dapois de persistentes diligências a Câmara Municipal acaba de entregar à «Sociedade Construtora Ideal de Espinho», pela quantia de 1 371 666\$00 a construção de mais um bairro de casas para bolsas pobres, portanto para rendas muito acessíveis. Fica situado ao Norte do Bairro Piscatório da Casa dos Pescadores, e é constituído por dois blocos, um de 18 e outro de 24 moradias, ou sejam quarenta e duas, ocupando duas áreas apreciáveis, uma de 6 por 25 metros e outra de 6 por 29 metros.

O projecto é de autoria dos Serviços Técnicos do Município e a referida obra foi comparticipada pelo Fundo de Desemprego com 420 000\$00.

Farmácia de Serviço, NOJE
HIGIENE
Rua 19 Tel. 920320

A Problemática do Turismo

E tendência natural quando se ouve falar em centros de atracção turística pensar-se imediatamente nas grandes cidades como Paris, Madrid, Roma e até Lisboa onde efectivamente se reúnem motivos que marcam épocas históricas com as últimas maravilhas da civilização e do progresso.

Mas para além deste turismo assaz evoluído existe outro, igualmente importante, principalmente posto em prática pelo francês, que consiste na descoberta de lugares ainda não invadidos pela onda do progresso, que com a larga série de vícios e inconvenientes que o acompanham despertam nas pessoas o desejo de encontrarem sossego e repouso.

Muitas das nossas cidades e vilas reúnem as condições óptimas para este tipo de turismo; à tradicional hospitalidade que a nossa gente sempre sabe oferecer ao estrangeiro, seja nacional ou estrangeiro, deveriam as forças vitais dessas povoações juntar uma colaboração activa que muitas vezes a ausência de espírito comercial, que em certos aspectos tanto é de louvar, não facilita e que seria essencial para que essa indústria rendosíssima que é o turismo se instalasse onde as infraestruturas naturais existem à espera que as aproveitem. Muitos dos nossos comerciantes e

industriais não devem ter visto ainda as vantagens de chamar a atenção para as condições turísticas das suas terras: a valorização de antigos monumentos, o avivar de ancestrais tradições, o embelezamento de pequenas obras de arte, a valorização de trechos paisagísticos, a realização de festejos ricos de regionalismo ou o aliandamento de estâncias de repouso e tantos outros aspectos que fazem de cada terra um sítio diferente e atraente.

Existem já em algumas cidades Juntas de Turismo (ou organismos

Continua na 2.ª página

«Miraculosa»

Ao cabo de largo Interregno, os sinoes da Igreja Matriz desta Vila voltaram a tocar, à hora do meio dia, a célebre «Miraculosa» — feliz inspiração do saudoso maestro espinhense Fausto Neves — para a qual o poeta Carlos de Moraes compôs, também, inspirados versos.

Foi pois, com justificado regosio que a população de Espinho começou a ouvir novamente, esse belo hino religioso que, transpondo as fronteiras do País, já é tocado e cantado em várias Igrejas e procissões, em terras estrangeiras.

